S. PAULO (Brazil) — Sabbado, 13 de janeiro de 1912 — ANNO XI — NUMERO 121

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSIGNATURAS
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio.

DA PORTA DE EUROPA

O bispo de Coimbra resigna a mitra e entoa o mea culpa — A sua pastoral não obtêm o beneplácito — Onde se vê que um ministro deve sempre demoradas explicações a um prelado — A supremacia do poder civil e o Estado aureolado de prestígio anticlerical — Doutrina do Estado contra doutrina da Igreja — Um precedente perigoso — Nega-se ao clericalismo autoridade moral para um protesto — O caso das pensões aos párocos — Em nome da liberdade, não em nome da Igreja! — Supressão de privilégios: nada mais!

LISBOA, 17 DE DEZEMBRO

O acto do bispo de Coimbra, pedindo ao ministro, espontaneamente, o beneplácito para uma pastoral sua já em circulação, provocou entre o clero protestos e descontentamentos, como uma traição à atitude colectiva dos antistes lusitanos, e motivou a resignação da mitra por parte do prelado, que entoou um público e soléne *mea culpa*, afirmando-se pesaroso e aflicto de ver as suas pálavras malignamente interpretadas e manobradas como um aríete contra a divina instituição de Christo...

E afinal o ministro não concedeu o beneplácito solicitado.

A longa carta em que o homem de Estado julgou necessario expor ao homem de Igreja as razões minuciosas da sua recusa tem um valor documental e histórico digno de nota, e não ficaria mal à *Lanterna* transcrevê-la em suas colunas.

A doutrina ali sustentada faz as delícias dos partidarios da «supremacia do poder civil» e dos adeptos do anticlericalismo de Estado; mas deverei ainda repetir que não causa o mínimo entusiasmo ao meu anticlericalismo anti-estadista? Deverei frisar mais uma vez que vejo sem alegria arrojar-se o Estado sobre a Igreja, potencia financeira e política como o primeiro, direitos que amanhã alegará, ainda com maior força e prestígio, sobre todos os individuos e associações livres? Lutando contra a Igreja, o Estadc reveste-se, aos olhos sectarios ou obscurecidos dos pretendidos liberaes, sinceramente inimigos da exploração e obscurantismo eclesiástico, de um manto refulgente de modernismo e liberalismo, que o ha de encobrir depois em empresas de outro gênero. Como hão de censura-lo então os que antes, no mesmo gesto, o aplaudiram e fortaleceram?

O ministro insurge-se contra a passagem da pastoral que sentencía: «quaisquer que sejam a política e as formas do govêrno, ponham sempre os crentes acima delas a religião católica e o cumprimento dos seus preceitos».

Ora o que o ministro quando muito poderia fazer notar era a incoerencia dos clericais, que tantas vezes se proclamam os mais patriotas de todos e prégam por toda a parte o respeito à lei temporal — quando esta lhes é favoravel... porque do contrário não ha rebeldes mais exaltados nem maiores apóstolos da revolta e da insurreição...

Mas aquêle ponto da pastoral não passa de legítima consequencia, teórica pelo menos, da doutrina «católica», que à sua «universalidade», desatendendo as fronteiras do Estado, alía para os crentes o caracter «divino» e «absoluto», superior às ideias e formas transitorias e humanas...

Como é, pois, que o Estado, tendo estabelecido as pensões ao clero, «em troca nada exigiu dos sacerdotes»?

E então o beneplácito necessario às pastorais? E então a fiscalização do culto? E então a intervenção do Estado na organização interna da Igreja? no destino do dinheiro dos fieis? na nomeação dos parocos? E a proibição do culto externo, onde não for «costume inveterado da generalidade dos cidadãos»?

As «associações cultuais» contrariam as leis internas da Igreja, a sua jerarquia e a sua doutrina; e em França não se puderam formar, tendo afinal o Estado de recuar nesse ponto...

Ora não é triste ver a Igreja, inimiga secular da liberdade, na cómoda condição de poder servir-se com vantagem de tão belos argumentos?

Bem sabemos que protesta sem autoridade moral, ante o seu passado de exploração e de tirania. Se ela hoje não domina, rouba, tortura e mata na mesma escala em que o fazia outrora é unica e simplesmente porque não pode. A sua moral, a sua intenção é sempre a daquele clerical francês que dizia não ha muito tempo:

— Em nome dos vossos principios queremos para nós a liberdade, que vos negaremos em nome dos nossos!

Sem dúvida, se o passado pudesse regressar.

Agora mesmo acaba a Igreja de se mostrar, em Portugal, indigna de falar em liberdade. O episcopado parecia ter tomado a firme decisão, inspirada pelo Vaticano, de realizar e promover a recusa das pensões oferecidas pelo Estado. Compreendia-se perfeitamente esta atitude altiva e desdenhosa da parte de quem pretendia protestar veementemente contra a ingerencia do Estado.

Pois ha poucos dias um telegrama de Roma anunciava que o papa não era contrario á aceitação das pensões por parte dos padres necessitados!

E ha mais. Segundo parece, o papa já comunicára ha tempos aos prelados portugueses aquela mesma opinião, que foi entretanto por êles mantida em reserva — circunstancia de que a imprensa republicana deduz com bastante lógica que o intuito dos mitrados era a criação de embaraços à República.

Mas não é por causa dêles, não é por amor à Igreja, que a liberdade deve ser defendida: antes é à Igreja contrária e desfavoravel. Não foi concedendo a liberdade que a pesada e opressiva instituição se suícidou.

Basta cortar-lhe as garras, basta que seja desarmada. Basta por ora que do Estado não receba subsidios nem favores — até que todos os individuos e todos os grupos sejam postos em perfeito pé de igualdade pela completa e geral extinção de quantos privilégios económicos e políticos possam existir na sociedade.

Neno Vasco

Biblia vermelha

A religião é uma servidão mental e moral
Que cada homem seja um homem, tal deve ser a divisa do seculo XX.

Washburn.

⁂

Uma coisa ha que não podemos sacrificar: é o nosso eu, o nosso ser interior.

Ibsen.

⁂

Um accordo, por mais leve que seja, com os propagadores dum erro que, a nossos olhos, é uma impostura, só por meio do equivoco e da hypocrisia é que se poderá estabelecer.

Augusto Dide.

⁂

Que me doe a barriga, a minha alma tem cólicas.

Montaigne.

O escandalo clerical de Zárate, Argentina



D. Lassayete, suas "fieis" e suas victimas

1.º: O padre Lassayete — 2.º: O mesmo em retiro espiritual na prisão... — 3.º: A mysteriosa Margarida — 4.º: Amelia Perez — 5.º: Senhorita Virginia González — 6.º: Joanna Marticorena, a menor de suas victimas — 7.º: Familia Marticorena — 8.º: Manuela Marticorena — 9.º: Outra das victimas — 10.º: Alumnos de uma congregação religiosa dirigida por Lassayete.

(VER A NOTICIA NA 2.ª PAGINA)

HOSTIAS AMARGAS

O artigo 63 da pastoral collectiva dos bispos das dioceses meridionaes do Brasil, reunidos nesta cidade em fins de setembro do anno passado, é assim concebida:

63. A frequencia dos sacramentos é o meio mais efficaz de chegar ao desejado fim de transformar uma parochia.

E' a pura verdade. Não pode haver processo mais efficaz para a transformação de uma parochia do que a frequencia ao confessionario.

Os habitantes da terra ficam completamente escravizados ao vigario, que se converte em senhor feudal, pondo e dispondo de tudo ao seu paladar, annullando nas familias a influencia do seu chefe natural, chamando a si o producto do suor do povo, decidindo da sorte de toda a gente, concitando os parochianos a odiar os que não pactuam com os seus abusos e procurando, com esforços sobrehumanos, impedir que naquelle meio penetrem as ideias liberaes que representam as mais elevadas conquistas da humanidade.

E é em ordem á consecução de tal *desideratum*, que representa o objectivo do clericalismo, que os bispos sul brasileiros recommendam com tanto empenho aos curas que em suas freguezias promovam a frequencia aos sacramentos.

O paragrapho 2.º do mesmo artigo 63 diz:

A recta intenção consiste em approximar-se da santa mesa, não por habito, por vaidade ou por motivos humanos, mas para satisfazer á vontade de Deus, para se unir mais intimamente com elle na caridade e para acudir com este divino medicamento ás suas enfermidades e defeitos.

Muito bem, srs. arcebispos e bispos. Fica sabido que é peccado approximar-se o crente da mesa eucharistica compellido por habito ou por vaidade. Que nos dizeis, porém, de uma certa categoria de individuos que diariamente participam do agape, que considerais sagrado, por ganancia, isto é, para receberem uma esportula que varia entre cinco e cincoenta mil réis?

Passamos agora ao paragrapho 3.º, que ahi vai transcripto:

3.º Ainda que seja de summa conveniencia que as pessoas, que commungam frequente e quotidianamente, estejam isentas de peccados veniaes, ao menos plenamente deliberados, e do affecto a elles, é comtudo sufficiente que estejam livres de peccado mortal, com o proposito de não mais peccar para o futuro; com esse sincero proposito torna-se impossivel que os que commungam diariamente, se não livrem, pouco a pouco, dos peccados veniaes e do affecto aos mesmos.

As communhões quotidianas, dizem os pontifices signatarios da pastoral collectiva, tornam impossivel a quéda nos peccados veniaes e o affecto a taes peccados. Quanto aos mortaes, está subentendido que os que commungam diariamente lhe votam um horror maior do que o de Mafoma ao toucinho.

Mas será isso verdade?

Respondam-no os factos.

Os padres commungam ou não commungam diariamente, quando celebram a missa?

Evidentemente.

Entretanto, na proporção de 90 por cento, são todos elles uns typos immoraes, ambiciosos, soberbos, iracundos, gulosos, preguiçosos e invejosos.

Rarissimo é o sacerdote em quem não se encontram consubstanciados todos os peccados capitaes que a doutrina christã menciona. Quanto aos veniaes, nem falar nelles precisamos, porque constam apenas de ninharias e frivolidades.

A' vista, pois, da conducta dos padres pode-se affirmar que, ao envez do que doutrinam os bispos, a communhão frequente é antes um incitamento aos vicios e aos peccados.

Comprovamo-lo com um argumento *ad hominem*, que é irrespondivel e irrefutavel.

Ignoto.

Os crimes do confessionario

EM URUGUAYANA, R. G. DO SUL — CINCO MOÇAS SUGGESTIONADAS A ENTRAR PARA UM CONVENTO — A INDIGNAÇÃO DO POVO.

Um diario de Porto Alegre publicou o seguinte telegramma que lhe foi enviado de Uruguayana:

Foram distribuidos nesta cidade boletins convidando o povo a expulsar os padres da ordem dos carmelitas, visto terem elles, nos confessionarios, seduzido cinco moças de familias distinctas a entrarem para os conventos

Entre a população lavra indignação.

A policia tomou providencias immediatas, não só no sentido de fazer cessar a attitude pouco moral da seducção de jovens pelos padres, mas tambem com o fim de evitar qualquer violencia por parte do povo que se mostra justamente indignado.

Os carmelitas alliciavam as moças e tantas caraminholas mettiam-lhe nas cabeças, que resolveram ellas professar nos conventos de Montevidéo.

E' para o que serve a confissão. Por meio della é que os padres commettem quasi todas as suas sujas immoralidades e seus crimes repellentes.

A HYDRA

A guerra entre o elemento clerical e o governo portuguez parece ter entrado no seu periodo agudo, a julgar pelo que se está passando do outro lado do Atlantico. no pequeno e velho paiz que parecia por muito tempo ainda condemnado a permanecer mergulhado nas trevas em que o lançara a seita que ha longos seculos ali dominava.

Diariamente o telegrapho annuncia-nos factos que denotam claramente o estado de exacerbação de animos, a luta sem treguas dos reaccionarios contra as novas instituições portuguezas e os homens a quem foram entregues os destinos da Republica.

Como terminará a luta ha quinze mezes travada?

Para nós não será talvez temeridade concluir, quaesquer que sejam as vicissitudes dessa luta, pela victoria dos que têm por bandeira a Razão e o Progresso.

Um sopro de vida nova agita a alma dos nossos irmãos lusitanos, não só nesta como em outras questões do mais alto interesse social.

Com a quéda do antigo regimen, ninguem poderá negar, iniciou-se uma éra de mais liberdade naquelle recanto do mundo, éra que uma chusma de retrogrados tenta esmagar a golpes traiçoeiros de intrigas e actos de rebeldia contra o poder civil.

Mas este não se tem intimidado ou antes, empurrado para a frente pela parte mais avançada dos que pelejaram para que se implantasse o novo regimen, vai mandando prégar em outras freguezias o patriarcha de Lisboa, os srs. bispos e demais curas que não se querem conformar com a nova ordem de cousas.

O patriarcha fôra intimado a deixar a capital portugueza por dois annos, pena que lhe coube, imposta pela autoridade civil, em virtude de uma circular que expedira incitando os catholicos a não respeitarem as leis do Estado. Outros bispos têm sido obrigados a deixar as respectivas sédes pelo mesmo motivo e todos secretamente pensavam que o povo se opporia por um acto de força á execução dos decretos do poder publico.

Mais uma vez falharam os planos e tudo se tem reduzido a protestos platonicos de alguns imbecis impenitentes, nada mais.

O elemento feminino, comprehende-se, é aquelle com que mais contam s. s. reverendissimas, sendo esta a melhor arma de que se servem sempre que têm necessidade de torcer vontades e annullar caracteres fortes.

Porém até aqui todos estes expedientes têm sido de resultados negativos diante da firmeza que têm demonstrado os que assumiram a responsabilidade de levar a bem a obra da revolução.

E a luta prosegue nesse pé, provocada por um inimigo que sente escapar-se-lhe a presa por muitos seculos subjugada ao seu nefasto systema de predominio.

Por toda parte, mesmo nos paizes que, parecia, não se occupavam com taes questões, ha como que uma ancia, uma necessidade imperiosa de emancipação, tanto na parte moral como economica dos povos. A humanidade procura libertar-se das cadeias que a ignorancia, mãi de todas as superstições, forjou para impedir o homem de occupar o lugar que lhe compete entre as especies superiores. Ella quer ir para a frente, homens do passado; serão inuteis todos os vossos esforços em contrario — a hydra dos pantanos de Lerna, que é a Roma papal, em breve receberá do filho de Alcmene o golpe decisivo.

Carlos A. de Lacerda.

CONFEITOS BIBLICOS

Eis pois a gente de Israel estabelecida no Egypto, na terra de Gessen, onde começou a multiplicar-se como formigas. O velho chefe, porêm, não queria ficar ali enterrado; e por isso obteve de José a promessa de lhe levar o cadaver para o jazigo dos antepassados (*Genesis*, XLVII).

Em vesperas de morrer, Jacob deu-lhe para prophetizar acerca dos filhos de José e a respeito das suas doze vergonteas e relativas ramificações. Era uma familia de prophetas e José tinha a quem sair. (Cap. 48 e 49).

Prophecias aliás faceis: umas só vieram a ser escriptas depois dos factos... prophetizados; outras são vagas e susceptiveis de todas as interpretações, como as dos adivinhos modernos; e com as outras não é difficil pôrem-se os successos e as pessoas de accordo: basta até inventar estas e aquelles... Lendo a buena-dicha a Juda, Jacob falou do que *será a expectação das gentes*, daquelle que, segundo uns, já veio e para outros continúa a ser esperado...

Depois de prophetizar e abençoar os filhos, pais de povos numerosos, Israel morreu e... «foi unir-se a seu povo». Tinha apenas 147 annos: falleceu na flor da idade.

José chorou muito e organizou funeraes pomposos, indo um enorme cortejo acompanhar o cadaver á terra de Canaan. Pharaó associou-se ao luto, houve feriado nas repartições publicas, bandeiras a meio pau e salvas de artilharia.

CAUTERIOS

LIX

ROMA, 9 — O papa Pio X recebeu hoje no Vaticano 500 senhoras da União das Damas Catholicas.

(Dos telegrammas).

Eis-me com agua na bocca, eis-me convicto
(E da mente esta idéa não me escapa)
Que o maior felizardo que o céo tapa
E' Pio Xis, das damas favorito.

Nem d. Juan Salomão, da Biblia guapa,
Nem Abdul Hamid, pagão maldito...
Meio milhar... que numero bonito!
Não ha nada melhor do que ser papa...

Papa! que bom, rodeado de grandezas,
Ser adorado como um deus, beijado
Pelas boccas de pallidas duquezas...

Papa! que pena haver um só no mundo!
Que pena não ser eu, leitor amado,
D. Pio dos Anzoes, papa Segundo!

Beato da Silva

Depois coube a José a vez de prophetizar ás portas da morte. Prophetizou que os descendentes de Abrahão haviam de voltar á terra a elles promettida por Deus e pediu que então levassem comsigo os ossos do irmão vendido. Dito isto e obtida a promessa, sob juramento, morreu com 110 annos.

E assim acaba, com o capitulo L, o gracioso *Genesis*.

O Confeiteiro.

Um bom premio da "Lanterna"

Tambem a LANTERNA *vai distribuir um bom premio aos seus assignantes.*

A começar desta data e até fevereiro proximo vindouro, todos os assignantes que nos mandarem pagar, directamente á nossa redacção ou por meio de vale postal ou carta registada, a importancia de uma assignatura annual do nosso jornal, receberão um premio pela volta do Correio. Este premio poderá ser escolhido dentre as seguintes collecções de livros e folhetos:

"Breviario" livro de versos lyricos de Raymundo Reis, a sair neste mez .	2$000

"Jesus Christo nunca existiu", de Emilio Bossi (Milesbo)	800
O "Evangelho da Hora", de Paulo Bertheloth . .	200
Pela "Educação e pelo trabalho", de Adelino de Pinho	200
"Catecismo Atheu", de Brito Bethencourt . . .	200
"Noções de Sociologia", de José Lopes Montenegro	100
	1$500

"Electra", drama em 5 actos, de B. Perés Galdos,	1$000
"Catecismo Atheu", de Brito Bethencourt . . .	200
Pela "Educação e pelo trabalho", de Adelino de Pinho	200
"Noções de Sociologia", de José Lopez Montenegro	100
	1$500

"Angelo Longaretti", o il delito sociale (romanzo di una Donna), cuja importancia distina-se á Escola Moderna	1$500

"Poema Transcendente", do professor Saturnino Barbosa, vendido em beneficio da Escola Moderna	1$000
Pela "Educação e pelo trabalho", de Adelino de Pinho	200
"Catecismo Atheu", de Brito Bethencourt . . .	200
"Noções de Sociologia", de José Lopes Montenegro	100
	1$500

Uma collecção de folhetos em hespanhol da lista da Bibliotheca dos Apostolado de la Verdad, annunciado em outro lugar .	1$600

Uma collecção dos folhetos em francez annunciados na lista da nossa bibliotheca, na importancia de	1$500

Um retrato de José Nakens, director de *El Motin* .	1$500

Como os nossos assignantes vêem, os premios que offerecemos attingem á importancia de 1$500 e alguns a mais, que, com o porte e o registo do Correio, chega a 2$000.

Não deixa, pois, de ser um bom premio que receberão todos os nossos assignantes que nos mandarem pagar directamente a importancia de sua assignatura annual.

O NOSSO NUMERO ESPECIAL

Desse numero ainda dispomos de alguns pacotes, que pomos á disposição dos amigos. E' um numero que não perde a sua actualidade e serve para a distribuição em reuniões, processões e á porta das igrejas.

Os preços de pacotes são os mesmos, isto é, os seguintes:

1	pacote de	20	exemplares	1$000
1	»	» 30	»	1$500
1	»	» 50	»	2$500

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias, sem o que não poderão ser attendidos.

EM ZA'RATE, ARGENTINA

AS DEVASSIDÕES DE UM CURA

Dos collegios ao café concerto e deste ao bordel — Emporcalhando os lares — Mulheres casadas, solteiras e viuvas corrompidas — Crianças sacrificadas á sua concupiscencia — Na prisão.

Os nossos leitores já tiveram occasião de conhecer o heroi de quem vamos nos occupar nestas notas e das proesas por elle comettidas em Zárate, na Argentina.

Chama-se Lasseyete e era tenente-capellão. Antes de ir para Zárate tinha estado em Lanus de onde saiu devido ao pedido feito por diversos casados ao bispo da diocese... Dali foi transferido para Quilmes, que teve tambem de abandonar por não estar em boa harmonia com os seus collegas...

De Quilmes foi para Zárate. Nesta cidade conseguiu captar logo as sympathias de muitas familias, sympathias que em breve tempo desappareceram devido á sua conducta licenciosa.

Por toda a parte contraía dividas com compras bem pouco proprias de um ministro do Senhor: brincos, bracelletes, anneis e toda a sorte de joias para senhoras.

Depois de pouco tempo o páraco do lugar, Placet, fez uma viagem á Europa e elle ficou encarregado de pastorear o rebanho da Igreja.

Dentro em pouco já por toda a população corriam de bocca em bocca as proesas do robusto cura. Dizia-se que em Lima e em outros logares visinhos tinha sido protagonista de conquistas galantes. Propalava-se que varias crianças do collegio da Sagrada Familia, do qual Lassayete era director esperitual, tinham feito revelações escandalosas a seus pais. Tornaram-se tambem publicas as suas relações com uma menina de nome Herminia e uma outra por alcunha Petalena, a quem dera uma pulseira.

Porém, o facto mais escandaloso, mais commentado foi o que o levou á prisão.

Uma senhora do lugar, de nome Marticorena, desconfiando do estado de uma de suas filhas fê-la examinar em Buenos-Aires. Do exame resultou a constatação do defloramento da menor. Interrogada, esta disse que tinha sido estuprada pelo padre Lassayete e que o mesmo tinha acontecido a suas irmãs.

A desgraçada mãi, logo que regressou a Zárate, denunciou o facto ao commissario local. Este, procedendo de uma maneira bem pouco commum, iniciou logo as averiguações sobre o caso.

O resultado obtidos foram surpreendentes. Não se tratava de uma, nem de duas, nem de tres as victimas do padre. Attingiam a varias duzias. E a lista augmentava de dia para dia, obtendo-se detalhes horripilantes.

Foi resolvida a sua prisão, que se effectuou quando elle saía de um barbeiro, sem que ninguem a testemunhasse.

No dia immediato os diarios trazendo a noticia cairam na cidade como verdadeiras bombas explosivas.

A cidade poz-se logo em reboliço. O povo enchia as ruas, formando-se em grupos que commentavam o facto.

Emquanto o outro padre esguelava-se na igreja contra os inimigos da religião que não se cançam de difamar os seu sacerdotes, na commissaria o padre Lassayete fazia graves revelações e os empregados da policia encontravam documentos compromettedores junto aos papeis em seu poder, e entre elles dois retratos. Em um, de formato de postal, figuravam duas meninas da localidade, uma dellas vestida de andaluza. Continha estes dizeres: "Quando olhares para esta photographia, lembra-te da feia carinha tua amiguinha." A outra continha o retrato da vestida de andaluza, porém sem dedicatoria.

Na commissaria prestaram declarações diversas meninas de dez a quatorze annos, fazendo accusações terriveis contra o padre. Todas explicaram a maneira com que o padre as attraia ao seu quarto, offerecendo-lhes doces e figurinhas. Nenhuma divergia da outra na indicação das portas por onde entravam e dos moveis do quarto do cura.

Com a sua prisão vão os seus crimes apparecendo por toda a parte.

O padre Lassayete havia feito todo o curso da immoralidade. Foi tudo, desde o facil galanteador de cançonetistas de cafés até o *sonteneur*.

Mas onde o cura corrupto chegava até á devassidão era no meio da infancia que tivera a infelicidade de cair-lhe nas garras.

Lassayete além de tenente-capellão era tambem director esperitual de um collegio denominado da Sagrada Familia. Logo que para ali entrou, foi tratando de conquistar as sympathias das crianças. Sempre levava os bolsos cheios de doces, medalhas e figurinhas que a todas distribuia.

Por meio do confessionario conseguiu corromper varias meninas e violar algumas dellas. Diversas queixaram-se aos seus pais, que preferiram calar-se a expor os seus entes queridos á curiosidade publica. Algumas resolveram nada dizer aos seus, envergonhadas de uma culpa que não era sua.

Agumas das victimas foram retiradas do collegio por suas familias, que assim as livravam do contacto da peste que as infectára.

A vida devassa de Lassayete era por toda gente conhecida. A sua correspondencia amorosa dava trabalho ao carteiro, que lhe trazia constantemente cartas, postaes e retratos.

O escandalo, que era enorme, Lassayete procurou abafar, tornando-se mais um pouco cautelosa por algum tempo.

Desviadas um tanto as criticas, reencetou ella as suas proesas.

Começou então a frequentar um collegio de meninos. Entre os alumnos havia um que despertou a cubiça de Lassayete. Era uma linda criança, loura e risonha. O padre poz-se a persegui-la, tornando-a o objecto das suas attenções.

Certo dia, porém, o menino recusou-se a acompanhar o padre, dizendo que com elle não queria ficar só.

Porque? que mal lhe tinha feito? O menino ruborizava-se e abaixava a cabeça quando lhe perguntavam...

Approxima-se por fim a coroação de sua obra.

Na falta de collegiaes, de mulheres casadas, de viuvas e da carne de prostribulos e de cafés concerto, recorre Lassayete ás filhas das familias pobres de Zárate.

As suas victimas foram sem conta e os seus crimes calaram fundo no espirito publico.

O odio contra o immundo satyro explodiu. Organizaram-se grandes comicios.

E o padre foi preso, encontrando-se agora na cadeia de Sierra Chica, rezando aos seus santos para que o salvem, pois desejaria continuar a pregar e a salvar as almas dos fieis...

A IGREJA E A SCIENCIA

VI

A sciencia têm sido accusada de epicurista, falsa, vã, perniciosa, materialista, atheista e não sabemos mais quantos nomes, não obstante os seus reaes serviços prestados á humanidade. A ella, a essa eterna calumniada, a essa *perversa*, somos devedores da medicina, da chimica, da physica, da mineralogia, da Historia Natural, da Geologia, da Geographia, da Astronomia, da Anthropologia, da Sociologia; a ella, a essa *infoia*, devemos á Arithmetica, a Geometria, a Algebra, a Trigonometria, assim como lhe somos igualmente devedores da invenção do vapor e a sua applicação á mecanica, a descoberta e multiplas applicações da electricidade; devemos-lhe tambem as invenções do telescopio, binoculo e microscopio; as invenções do telephone, telegrapho electrico e sem fios; a essa, a essa odiada *pagã*, devemos o relogio, a bussola, a imprensa, as locomotivas a vapor, as estradas de ferro, o pára-raios, o phonographo ou machina falante, os balões dirigiveis e o cinematographo; finalmente, a ella, a essa «falsa e vaidosa sciencia, epicurista e atheista», ainda devemos os nossos melhoramentos physicos, moraes, materiaes e intellectuaes.

E á religião, e á Igreja, que devemos?...

«Porventura — pergunta Ibarreta — foi por inspiração do Espirito-Santo que os homens assentaram as estradas de ferro?» Foi por revelação de Deus ou da virgem Maria que a medicina inventou o chlorofórnio, que attenúa as dores do parto? Foi por indicações de Christo ou dos santos que mediu-se o arco do meridiano, cuja 40 millionesima parte serve de base ao metro? Foi, emfim, algum papa ou pastor protestante o creador da sociologia moderna? Não, caros leitores: — Deus, Christo, o Espirito-Santo, a virgem Maria nem os santos nunca fizeram nada de verdadeira utilidade para a nossa raça: antes a envileceram; nunca inventaram nem sequer um carrinho de mão ou um par de tamancos; todas as descobertas, applicações e progressos sempre se fizeram não por vontade mas contra a vontade de Deus, Christo, o Espirito-Santo, a Igreja e seus apaniguados e representantes: papas, reis, bispos, pastores e demais sucia. A sciencia nada deve a essa sagrada canalha, a quem os homens verdadeiramente sinceros desprezam e as novas gerações abominam.

Sim, a sciencia é epicurista: porque despreza uma hypothetica vida futura engendrada por miseraveis sacerdotes, para só tratar desta, e prodigalizar bem estar ao homem; sim, a sciencia é falsa: falsa porque aponta aos homens os erros crassos da religião, originando dahi a descrença, que por sua vez arruina a casta sacerdotal; sim, a sciencia é vã e perniciosa: porque abrindo os olhos aos homens prejudica grandemente os estomagos dos bonzos de todos os feitios, parasitas e ladrões; sim, a sciencia é materialista e atheista: porque não se occupa das coisas espirituaes, tratando só das materiaes, e além disso todas as suas conclusões não são por Deus nem sem Deus: são contra Deus. (1)

⁂

Ora, em tempos idos, e que jamais voltarão, a Igreja embalava-nos com crenças e superstições que hoje fariam rir a uma estatua de pedra. Ensinava-nos, por exemplo, que houve um tempo em que o mundo não existia; que Deus (que a mesma Igreja não sabe onde estava nem o que fazia, antes de crear o mundo), sahindo da sua eterna ociosidade, creou o mundo do *nada* e tudo o que nelle existe; que num lugar (não sabemos onde) construiu um Paraizo, em cujo recinto collocou um casal humano, permittindo-lhe umas coisas e prohibindo-lhe outras; que este casal humano, tendo desobedecido a Deus por instigação duma serpente, foi expulso do paraizo e sua posteridade condemnada.

Os descendentes de Adão, que assim se chamava aquelle primeiro homem que Deus collocára no paraizo, multiplicaram-se e corromperam-se tanto, que Deus resolveu destruil-os, porque se arrependera (2) no seu coração (3) (é ainda a Igreja quem nos doutrina) de tel-os creado, mandando um diluvio, do qual só escapou Noé e sua familia.

Mas nós somos de opinião que escapou mais alguem além de Noé e parentes: esse alguem foi Satanaz ou a serpente, a quem, por descuido, impotencia ou esquecimento, Deus deixou de afogar para que continuasse a tentar e carregar homens para o Inferno (4). Satanaz, como fica dito, escapou ás iras de Deus que, vendo que a humanidade toda infallivelmente se perdia, decidiu sacrificar-se elle proprio, isto é, enviou seu proprio filho para que a sua justiça fosse satisfeita (5), o qual tinha de ser morto. Esta morte ou deicidio, segundo o proprio Deus, era necessaria, precisa, indispensavel, pois que se tratava nada menos que da salvação da especie humana. Esta, como era logico esperar, matou Deus, o qual, depois de resuscitar, tornou a condemnar a humanidade por ter commettido crime tão horrendo: um deicidio! (6)

Para nos dominar por meio do terror, a Igreja nos ensinava (e ainda nos ensina) que havia inferno, purgatorio e céo. Mas não tendo sido encontrado o inferno na terra, como provavelmente não ha de existir no céo, por ser a morada de Deus, segue-se dahi que não existe em parte alguma. Do purgatorio, nem falemos; e quanto ao céo, esse foi brutalmente destruido pelas indiscretas e penetrantes vistas do telescopio.

⁂

Exposta assim em poucas palavras a historia da creação, acompanhada dalguns commentarios, como pretender ou exigir que a religião e a sciencia se ponham de accordo, sabendo-se que esta tem por bases a observação e a experiencia, ao passo que aquella funda-se na ignorancia de que nasceram a lenda e a mythologia?

A sciencia não póde ser, nem que o queira, religiosa ou deista; ella não veiu de Deus, nao é para Deus, nada deve a Deus nem caminha para Deus porque não conhece Deus: pertence sómente aos homens. Para ella, Deus, alma, espirito ou peris-pirito são vocabulos que não têm significação; ella só conhece materia, espaço, força ou movimento.

Affirma que materia implica espaço e que força ou movimento implica materia.

Estabelece com Lovoisier a eternidade e indestructibilidade desta; com Büchner, a eternidade da força; com Laplace e Flammarion, a infinidade do espaço e, portanto, do tempo; com Draper, Haeckel e outros, a origem selvagem do homem e seu lento, mas certo, aperfeiçoamento; finalmente, com Spencer, Darwin e Dickson White, a variabilidade das especies e a evolução do Universo.

Ora, todas estas theorias e ensinamentos da sciencia, absolutamente já confirmados, conspiram abertamente contra a existencia de Deus e as doutrinas da Igreja, e seria inutil illudir-se pensar doutra maneira. A indestructibilidade da materia, que por isso mesmo implica eternidade, tira a Deus a possibilidade de tel-a creado, como igualmente o poder de destruil-a. Um Deus, por conseguinte, que não tenha creado a materia nem possa destruil-a, não pode ser Deus: tal é a premissa que se deduz da proposição da chimica.

Por outro lado, se a força ou movimento sempre andou unida á materia, isto quer dizer simplesmente que Deus não creou, e nesse caso a sua acção torna-se igualmente inutil. Pois que diremos da infinidade do espaço, que, além de negar a Deus um ponto de apoio qualquer, tira-lhe o privilegio de ter creado o tempo? Entretanto, apezar disso, a Igreja declara que Deus existe e creou o homem perfeito; mas os selvagens ainda existentes nas florestas vêm attestar eloquentemente a condição primitiva do homem, dando assim um desmentido ás affirmações ecclesiasticas e á «sabedoria divina.»

José Martins.

(Continúa).

(1) «... A escola não póde ser «neutra», porque tem de ser educativa; não póde ser sem Deus nem «autoritaria», sendo «scientifica». Têm de ser, numa palavra — «contra Deus».

Isto dizem C. Babo e M. Bravo na Introd. á «Hist. das Luct entre a Sciencia e a Theologia» de Dickson White, p. IX. E a Biblia, por sua vez diz (Genes, II, 17), que Deus prohibiu a Adão que comesse da fructa do bem e do mal, para que não se tornasse sabio, o que demonstra evidentemente que Deus queria dominar sobre um povo ignorante; nem mais nem menos do que a Igreja tem feito até hoje, que só domina onde a ignorancia predomina.

A ignorancia tem sido tão lucrativa e inherente ao proprio poder da Igreja, que J. de Maistre, um ferrenho ultramontano, não poude deixar de attribuir-lhe uma origem divina, nestas phrases, para sempre memoraveis: — «L'ignorance vaut mieux que la science, car la science vient des hommens et l'ignorance vient de Dieu.» Ou em vernaculo: — «A ignorancia vale mais do que a sciencia, porque a sciencia vem dos homens e a ignorancia de Deus.»

(2) Pois não dizem que Deus é immutavel?

Aos defensores da immutabilidade de Deus, nós oppomos a mesma palavra de Deus (Genes., VI, 7).

(3) Este é outro contra-senso: Se Deus é um puro espirito, como póde ter coração? A resposta esperamol-a... por um oculo...

(4) Segundo os etymologistas, Inferno deriva-se da palavra latina *Infer* (região inferior).

(5) Esta extravagante justiça de Deus obrigou Diderot a exclamar: — «Mas que Deus é esse que mata a Deus para satisfazer a Deus?»

(6) Os contrasensos e absurdos que resultam desta fabula christã, foram magistralmente frisados pela vigorosa penna de Bossi nestas poucas linhas que crêmos serão bem saboreada pelos leitores de fino paladar: — «Um deus prohibe ao primeiro casal humano que coma do fructo que lhe daria a conhecer o bem e o mal. Elles, porém, desobedecem e são castigados, embora nenhuma culpa tenham, visto que, antes de comerem, não sabiam distinguir o bem do mal. Comtudo, Deus não só castiga os autores do facto, irresponsaveis, como se vê, mas a todos seus descendentes, que em nada foram participantes desse mesmo facto. Para salvar a humanidade dessa pretendida falta, Deus recorre a outra victima, sendo certo que, para isso, bastaria um simples acto da sua vontade. Esta victima, tambem innocente, é o seu proprio Filho! o qual, se era Deus, não podia morrer, e, se era homem, não podia resuscitar. Emfim, para cumulo de immoralidade, para que esse Deus fosse morto faltava quem o matasse.

Assim, obrigando um povo a um deicidio, Deus condemna este povo á infamia, tanto mais immerecida, quanto era uma necessidade determinada pelo proprio Deus, afim de realizar o seu plano. E toda esta série de immoralidades, para salvar, não a humanidade inteira, mas áquelles que vieram ao mundo depois de Christo, e, ainda destes, só uma pequena parte, pois que o mundo, passados 20 seculos, ainda é bem pouco christão. E mesmo dos que são christãos, só se salva uma pequenina parte, como todos os dias se ouve pela voz autorizada da Igreja.» — *(Christo nunca existiu.* trad. de T. da Fonseca, 2.ª ediç., part. II, cap. VI, ps. 93-4, *nota;* Lisboa, 1909.)

Os clericaes em côro: — O' Bossi, Bossi! tu és a nossa perdição, a nossa ruina! O' *rabbia!*

COVIL CLERICAL ASSALTADO

Em Bagé um padre tenta corromper um menino e bate-lhe porque elle reage — A justiça summaria do povo — A caricata defesa do padre feita por uma commissão de carolas.

A *Lanterna* já se occupou deste facto, transcrevendo os telegrammas que a respeito publicaram os diarios e juntando-lhes os seus commentarios.

Hoje estamos de posse de mais minuciosas informações para noticiar devidamente mais esse acontecimento que vem abrilhantar a historia clerical.

Em Bagé, Rio Grande do Sul, existe um coio de padres sob o nome de Gymnasio N. S. Auxiliadora. Entre os alumnos nelle matriculados estava o menino de 11 annos Luiz Edgard, filho do sr. Antonio Ennes Bandeira. Certo dia, pela manhã, como de costume, esse pequeno foi assistir ás aulas.

Pouco depois de ter ali chegado, foi abordado pelo padre Villamil, lente daquelle gymnasio, que lhe fez propostas indecorosas.

O menino Luiz Edgard reagiu, sendo por isso então esbofeteado pelo satyro.

Assim aggredido o menor fugiu do gymnasio, dirigindo-se á sua residencia, relatando o occorrido a seu progenitor.

O sr. Bandeira immediatamente levou o facto ao conhecimento do sr. director do Gymnasio e do delegado de policia, indo tambem á redacção do *Commercio*, diario local, que no dia immediato deu sobre elle uma pequena nota.

A noticia de tal escandalo propalou-se logo de um estremo a outro da cidade, enchendo toda a gente de grande indignação, que não tardou em se manifestar em uma ruidosa demonstração publica.

No mesmo dia em que tal facto foi divulgado, um grupo de moços organizou uma manifestação de desagrado á corporação religiosa que dirige aquelle collegio.

Pelas 9 horas da noite já era grande o grupo de pessoas reunidas numa das esquinas da praça Voluntarios da Patria.

Pouco depois de queimados alguns foguetes como signal de inicio da reunião, o grupo avolumou-se e, por entre constantes gritos de protesto e hostilidade aos padres, partiu a columna em direcção ao Gymnasio.

Ali chegados, já muito numerosos pelo accrescimo de populares, romperam os manifestantes numa tremenda vaia contra o covil clerical, por entre o tinir dos vidros das suas vidraças quebrados pelas pedras e os tiros disparados para o ar para augmentar o clamor contra a canalha de batina corruptora da infancia.

Emquanto isso se passava na frente do collegio, um outro grupo nos fundos do predio arrombava e penetrava no pateo do estabelecimento, fazendo ali a sua justiça summaria.

Essa ruidosa manifestação de protesto durou para mais de uma hora, permanecendo ainda até altas horas da noite as ruas circumvizinhas bastante movimentadas, commentando toda a gente, com phrases de indignação, o procedimento sujo do padre satyro do collegio de N. S. Auxiliadora.

O povo fez assim justiça por suas proprias mãos.

Foi brutal no seu protesto? Tanto melhor.

Feliz do povo que faz assim valer os seus direitos sem guardar as conveniencias prégadas pelos que necessitam dellas para occultar os seus crimes.

E' o populacho irreverente que está sempre á frente das grandes lutas onde se deve offerecer até a propria vida em favor das causas publicas.

Se não fosse esse gesto energico do povo, do populacho, segundo a classificação de um diario de Bagé, o facto repugnante do padre Villamil estaria ainda sómente no conhecimento de uma parte do povo daquella cidade.

Agora não, por todo o Brasil e até pelo estrangeiro foi divulgada mais essa immoralidade, tão commum nos collegios clericaes.

E se não fosse a intervenção de forças, quer nos parecer que aos padres não aconteceria ficar sómente com o exterior do predio do seu coio em pandarecos e as ceroulas a reclamar uma lavagem immediata...

Na sua justiça o povo não usa de meias medidas. E então os padres bem poderiam chamar pelo auxilio dos seus santos...

— O collegio ficou depois guardado por uma força de cavallaria, tendo os padres o santo cuidado de se fecharem a sete chaves...

— Quando o grupo de populares passava pela rua Marcilio Dias, foi atacado pela policia administrativa, ficando ferido com um balaço o sr. Raul Gonçalves.

Violenta em toda a parte a sra. Policia.

⁂

Os padres, como é natural, empregaram todos os esforços para desfazer os effeitos do escandalo, procurando abafa-lo.

O padre André Dell'Oca, director do collegio, dirigiu uma carta ao jornal que denunciou o facto negando a sua veracidade.

Nada se deu, dizia simplesmente o padre sem, porém, desfazer a accusação clara e positiva feita contra o padre Vilamil.

O pai do menino, no mesmo numero em que se publicou essa carta, sustentou o sua queixa.

Em vista do nenhum effeito da carta, resolveram os padres provocar um inquerito sobre o occorrido.

Mas sabem os leitores de quem foi composta o commissão encarregada de tal serviço? De bons carolas e de velhos protectores do collegio e até de pais de internados!...

Essa sagrada commissão apresentou o seu serafico relatorio, concluindo pela falsidade da accusação...

A commissão interrogou as crianças no proprio collegio e sob as vistas dos padres!

Bello inquerito!

Diz a commissão:

«E' exacto que o padre Vilamil deu um *empuxão* na face de Luiz Bandeira em seguida applicou-lhe um *corolo*, devido ao mau procedimento desse menino.»

E' a commissão quem diz que o padre deu um *empuxão* e applicou um *corolo* no menino.

O padre nada fez ao alumno, deu-lhe apenas um empurrão e um *cocre*..

Santa intrugice! Para encobrir as pancadas foram até cavocar termos convenientes...

Diz até o tal relatorio, que se parece muito com o do Pinheirinho no caso Idalina:

«Não ha prova de que o mesmo padre tenha attentado contra o pudor desse menino.»

Que provas pretendiam encontrar? Testemunhas de vista?

Como se o padre fosse tão imprudente a ponto de fazer das suas ás vistas de terceiros...

A commissão por fim diz ter praticado todas as diligencias que lhe pudessem esclarecer os factos: interrogou diversos alumnos no proprio collegio e inquiriu alguns padres...

E ficou provada a innocencia do padre Vilamil...

Ainda ha mais. Entre os signatarios do relatorio foi collocado o nome do sr. Antonio Ennes Bandeira, pai do menino victima.

Este sr. foi immediatamente á redacção do *Commercio* protestar contra esse inqualificavel abuso, publicando uma declaração nesse sentido.

Depois do protesto do sr. Bandeira, tão vilmente ultrajado nos seus sentimentos paternos, appareceu uma rectificação na qual se dizia que a sua assignatura tinha sido incluida no relatorio por engano...

Entretanto já se tinham decorrido quarenta e oito horas, que bastante contribuiram para tal abuso fazer um benevolo effeito a favor do padre...

Bastaria só o facto de ter a commissão antecipado o seu inquetito ao da policia para demonstrar a sua parcialidade.

A acção da justiça ficou assim prejudicada.

Porém, apesar de todos esses estratagemas arranjados para salvar os padres, a convicção do povo é que o padre Vilamil tentou corromper o menino e espancou-o porque elle resistiu energicamente aos seus porcos desejos.

Diante da commissão do caricato inquerito o menino sustentou a sua accusação contra o padre, já conhecido como algoz, acostumado a espancar os alumnos, relatando-a em todos os seus detalhes.

Temos, pois, mais um candidato á santificação. A S. Faustino, D. Heredia, D. Leonardo Laranjeira apresentamos o seu novo e digno collega Vilamil...

Liga Anticlerical do Rio de Janeiro

FESTA DE PROPAGANDA

Sabbado, 3 de fevereiro, realizar-se-á no Centro Gallego, ás 8 1|2 horas da noite, uma velada offerecida a esta agremiação pelo Philadelpho Club.

Constará:

De uma conferencia, pelo dr. Coelho Lisboa.

De uma peça em um acto, traducção de J. Botelho — «Para isso paga...»

Drama em 1 acto, de Amédée Rouquès, trad. de C. A. Lacerda — «Os primeiros tiros».

Terminará o festival com um baile familiar.

Esperamos que todos os camaradas prestarão o seu concurso para que tenha o maior brilho a velada projectada, concorrendo sobretudo com as suas familias a esta instructiva e ao mesmo tempo recreativa festa social.

PERFIL MORAL DO SOLDADO

O que é o quartel e para que serve a disciplina

As massas populares, graças á diffusão de mais nobres principios de liberdade e ás leis de economia social, são já bem pouco bellicosas e, por isso, não supportam mais as ideias marciaes com que antes se embruteciam.

O soldado, ainda hoje, porque é excessivamente ignorante em materia philosophica e social, em qualquer parte e sob qualquer governo, é profundamente conservador.

O soldado é apathico porque não tem personalidade propria.

O soldado é conservador porque tem fundamente arraigada a noção falsa da disciplina que o anniquila.

Elle não é um subserviente mas um inutilizado, sem noção de prestigio pessoal, simples automato agindo mecanicamente por effeito de acção exterior.

O soldado não tem convicções porque é um passivo sem ideias proprias.

Quem comprehender essas simples coisas que ahi ficam escriptas, está apto para ajuizar da belleza moral dos ideiaes formosos dos emancipados que prégam a abolição dos exercitos, esse polvo monstruoso que absorve inconsciente as energias dos povos que o aninham em seu seio fecundo.

A proposito do soldado lusitano que se parece, afinal, com os soldados de todo mundo, um illustre official portuguez escreveu para a *Imprensa*, de 29 de novembro p. passado, um interessante estudo em que o autor revela excellentes qualidades de observação e, o que é curioso, uma noção clara da acção perniciosa que exerce sobre os individuos o ambiente toxico da caserna.

O titulo que esse militar dá ao seu estudo é expressivo e duma alta significação social, se considerarmos a sua posição e as suas responsabilidades de militar, em face dos acontecimentos e da politica social economica de todo o mundo.

Os mais interessantes topicos desse estudo serão por mim transportados para estas columnas, para gaudio do leitor que terá nelles excellentes ensinamentos para si e para os seus filhos, irmãos ou amigos, aos quaes os repetirá para que fructifiquem.

Os collegas da *Lanterna*, os outros periodicos de propaganda e todos aquelles que se dedicam á obra de regeneração humana, boa obra fariam se reproduzissem os ensinamentos que contém este artigo, cooperando assim para edificação moral da humanidade que os ignora.

Como se quebram energias

Abrem-se as portas das casernas. Os soldados, fato de cotim, capote, gollas levantadas, os olhos ainda vermelhos do somno, encaminham-se machinalmente para o local da formatura.

Não têm firmeza de andar, o aspecto do homem que se ergue para batalhar pela vida, falta-lhes alguma coisa do incentivo que é necessario haver para se poder «réussir». (1)

O quartel é triste, é lugubre, é pesado. Ou antigo convento em que se sente ainda pairar o espirito monachal, ou quartel feito em éras em que um regimen de prepotencia fazia do soldado mais um escravo do que um homem que tivesse a consciencia dos seus direitos.

O soldado não tem, nunca teve, jámais terá a consciencia do seu direito, porque é um aleijão moral, um mutilado que não póde ter a liberdade de pensar.

Todos os governos temem o soldado que pensa livremente porque vê nelle a sua destruição, a ruina do seu poder pela indisciplina.

O erro neste ponto de vista dos homens de Estado é manifesto a uma boa logica.

Para promover a destruição dos governos não é preciso eliminar os seus homens nem começar pelo seu PODER...

Para destruir o nefasto apparelho politico em virtude de cujas funcções existem *governo* e *poder*, basta arrazar a caserna e tirar-lhe o soldado, oppondo á disciplina annulladora do individuo-soldado, a razão exalçadora do individuo-homem.

Sem ar, sem luz, sem vida, (os quarteis) as mais elementares noções de hygiene são quasi sempre desprezadas; e assim, vemos em algumas casernas, em que, excepcionalmente, se poderiam admittir seis homens, doze e quatorze, normalmente.

Não ha, no quartel, a mais rudimentar noção de commodidade. Não ha uma sala, onde o soldado permaneça, não ha um meio onde possa pelo convivio, pela leitura dos que sabem ler. revigorar a sua intelligencia, desbravar a sua natureza rude.

A caserna sempre foi uma escola anormal de abjecções em que se ensina o anniquilamento de todos os escrupulos.

A disciplina é um conjuncto de aviltamentos execraveis que galvanizam todos os sentimentos.

Arruinando a moral, a disciplina militar obsta que o individuo seja livre, obrigando-o a não exercitar o seu arbitrio.

E assim se annullam as melhores faculdades do homem que desapparece.

Uma cama, uma caixa para guardar o enxoval, uma prateleira para a mochila, e uma lata para o rancho, e é tudo. Em cada caserna, umas bacias de estanho, pequenas, acanhadas, permittem que elle se lave.

O banho é facultativo, mas as salas de banho não offerecem, não só o minimo conforto, como o estrictamente indispensavel a uma casa dessa natureza.

O rancho do soldado é, por vezes, mais amargo que a brôa que come na sua aldeia distante.

Não ha um refeitorio para soldados.

Recebem as latas que vêm em taboleiros e, sobre uma mesa, um banco, em qualquer parte, da propria lata, comem.

Para os soldados que estão fazendo serviço fora do aquartelamento, o rancho é enviado em carroças, estando já distribuidos pelas latas, e, assim, a comida chega, em geral, fria e desfeita.

Não ha asseio, nem hygiene. E, assim, o soldado, que na terra tinha uma alimentação, por vezes, bem deficiente, encontra no modo por que lhe apresentam o rancho muitas vezes, razão para insubordinações e queixas.

E erguido ao romper da manhã, o soldado espera a primeira refeição para esperar a segunda, seguidamente a terceira... e mais nada.

A instrucção é reduzida, a aprendizagem diminuta.

Entretanto, o homem é a mais gloriosa manifestação da natureza intelligente!

Na caserna elle aprende apenas a matar, a praticar o assassinato legal, emquanto adquire o habito perigoso da violencia porque lhe ensinam a magnificar o torpe direito da força e do assassinato!

Passado o tempo em que o soldado recebe a sua primeira instrucção militar, é arrastado todos os dias para guardas, faxinas, piquetes de prevenção, e não tem mais tempo para nada.

Não ha quasi um exercicio escolar, raras são as prelecções que lhe são feitas; e assim, o soldado que no campo se erguia ao romper claro da manhã, para, de enxada ao hombro e de canção nos labios, levar uma jornada de labuta, vem encontrar no quartel um meio de desalento, para lhe quebrar as energias, para lhe destruir a vontade.

E dizer-se que a liberdade é o sentimento primordial para a realização da felicidade!

E dizer-se que o homem é a propria natureza, com a consciencia superior de ser ella mesma! quando todas as suas faculdades se resumem numa só: — o progresso infinito por direito de preponderancia na escala evolutiva dos sêres.

Que faz o soldado?

Nada e muito. Nada, no valor effectivo do seu trabalho; muito, no esforço individual e inutil que precisa despender.

E ahi está o que vale o trabalho militar. Entretanto, a base de todo o progresso, industrial como moral, é a independencia individual e social.

Cada iddividuo deve bastar-se a si mesmo, é um principio de independencia fixado numa aphorisma, elevado a objectivo real e supremo de toda a sociedade que procura realizar a felicidade dos seus membros.

Todo individuo emancipado tem a capacidade do seu valor e o sentimento ineffavel da liberdade que lhe dá a noção do seu direito que. por ser justo, não soffre nunca a surpresa nem o vexame de ser obrigado a cessar de manifestar-se, por ter exorbitado, invadindo a esphera do direito do seu vizinho.

E o sensato militar lusitano prosegue na sua exacta observação das miserias de quartel.

E nessa vida de *attente*, na actividade passiva de duas horas de sentinella, o soldado perde lenta, mas seguramente, as qualidades proprias de energia e de trabalho. E é por essa forma que se cria a legião enorme dos sem trabalho que, tendo creado nos centros de população, onde existem aquartelamentos, os habitos sedentarios e inuteis que a vida da caserna lhes traz, vêm, depois, para esses centros procurar, por uma vida identica, angariar o pão quotidiano.

O trabalhador rural, que foi soldado, não póde voltar á sua vida primitiva.

E em Portugal, onde a agricultura devia ser uma grande fonte de riqueza, vemos homens estender a mão, a pedir esmola, perdidas as condições de trabalho no meio deleterio da caserna.

Nestas linhas ultimas está toda a nossa historia, como a de todas as outras nações.

O trabalho e o quartel são adversarios irreconciliaveis. O que um produz o outro destróe.

A caserna arruina tanto o individuo quanto anniquila o organismo social, emperrando-lhe o mecanismo economico.

Aqui no Rio manifestou-se já a repulsa pelo trabalho do ex-soldado. E' um exemplo. Numerosos patrões recusaram admittir nos seus serviços alguns desligados de batalhões, pelo simples mas forte motivo de terem sido militares e, por isso, ineptos para o trabalho productivo.

O soldado não póde ser um bom trabalhador porque de todo perdeu o habito salutar do trabalho, graças á vida sedentaria que viveu na caserna, que lhe anniquilou a vontade, a dignidade e a independencia.

Octaviano Reinelt.

(1) *Reussir, avoir de success*, ser bem succedido, ter bom successo.

O. R.

EM PORTUGAL

Poder contra poder

Como documento interessantissimo para avaliar as ideias dos homens de Estado portuguezes quanto ás relações do poder civil com a Igreja, damos abaixo a carta que o ministro da justiça e cultos escreveu ao bispo de Coimbra, negando-lhe beneplacito para uma pastoral:

Exmo. sr. — Confirmo o meu telegramma de hontem, no qual communiquei a v. exa. que a pastoral que me enviou para ser submettida ao beneplacito não póde correr sem restricções e bem assim que hoje as communicaria a v. exa E' o que venho fazer, dentro do prazo da lei, affirmando a v. exa. que bem desejaria não ser forçado a negar beneplacitos ou concede-los com restricções para o que tanto bastava que os prelados se cingissem, na forma das suas pastoraes, ao que estrictamente ellas significam, isto é, escriptos dados pelos bispos, em que se expõe alguma doutrina ou lição de moral aos seus diocesanos.

A pastoral de v. exa. é, em alguns dos seus pontos, contraria ao espirito e letra da lei de separação. Não posso conceder o beneplacito ás seguintes passagens della:

Na pagina 2.ª o periodo que começa «os roubos, desacatos, etc.», e termina em «requintes de impiedade», contém uma affirmação exaggerada e attribue ao presente openas o que, de resto, houve em todos os tempos. Na pagina 3.ª *in fine* diz v. exa.: «e visto que nos tiraram os meios para sustentar o culto e os ministros delle.» Isto é absolutamente inexacto e contra a lei de separação, porquanto v. exa. sabe, ou deve saber, se conhece a lei, que:

1º O Estado estabeleceu para os parochos pensões que lhes garantem uma situação igual áquella que anteriormente desfructavam;

2.º Uma grande parte do clero acceitou essas pensões e em grande numero ellas já se acham arbitradas;

3º Que em troca nada o Estado exigiu aos sacerdotes, deixando-lhes toda a liberdade para exercerem o seu ministerio cujos proventos, addicionados aos das pensões, ainda melhor situações lhes criam do que aquella que tinham;

4.º Estabelecendo a fórma de organização de cultuaes, ainda o Estado proporcionou aos crentes a igreja, e portanto aos seus sacerdotes, mais uma maneira de facilitar o culto. E se essas cultuaes teem sobretudo um caracter de beneficencia e instrucção, isso só póde agradar á Igreja por isso que é das proprias maximas do Evangelho fazer o bem e espalhar a luz. Ainda v. exa. escreve a fls. 4 *in fine* que «quaesquer que sejam a politica e as fórmas do governo, ponham sempre os crentes acima dellas a religião catholica e o cumprimento dos seus preceitos». O Estado não se preoccupa com a acção exclusivamente espiritual da Igreja catholica ou de outra confissão: fiscaliza-as apenas, por interesse da ordem publica, garantindo-lhes a maxima liberdade no que respeita á sua acção espiritual, mas não admitte que ellas saiam dellas pondo-se acima da fórma de governo.

V. exa. nessa passagem convida os seus diocesanos a que respeitem a Igreja Catholica acima do Estado, o que é contrario, não apenas ás leis da Republica, mas ao direito moderno de todas as nações civilizadas — tal asserção da pastoral é absolutamente inadmissivel. No restante da pastoral de v. exa., o que se vê é o conselho para a formação de cultuaes fóra da lei, constituidas para um conego, um escrivão da camara ecclesiastica e dois parochos serem depositarios de um fundo commum estabelecido na capital da diocese, fundo que ficaria alheio á fiscalização directa do Estado, quando nas cultuaes legaes v. exa. encontra precisamente o mesmo fim sem o livre arbitrio de uma administração que até póde ser perniciosa e com as vantagens de beneficencia e instrucção que as cultuaes legaes garantem. E desta sorte v. exa. aconselha não apenas um acto contrario á lei, mas um acto contrario ás proprias maximas do Evangelho, tendo com seu conselho só em vista a ostentação do culto e não, como é legalmente indispensavel, a instrucção e a beneficencia. Lembro a v. exa. a leitura dos artigos 17º e 19.º da lei de separação, pelos quaes reconhecerá que o Estado facilita, pelas fórmas possiveis, que o culto seja subvencionado pelos fieis, determinando:

1.º Que os membros ou fieis de uma religião só podem collectivamente contribuir para as despesas geraes do culto, por intermedio das corporações portuguezas, de assistencia e beneficencia, preferindo a Misericordia a qualquer outra, e na falta da Misericordia ou outra com individualidade juridica não comprehendida no art. 4.º, que tenha a seu cargo um serviço analogo, como hospital, hospicio, albergaria, asylo, créche, albergue ou recolhimento, uma confraria ou uma irmandade que tenha sido ou seja tambem destinada a assistencia e beneficencia.

2.º Que não existindo nos limites de uma parochia, nem podendo constituir-se desde já qualquer daquellas corporações essa parochia pode aggregar-se para os effeitos cultuaes a uma parochia vizinha onde exista ou possa formar-se qualquer dessas corporações.

3.º Que se nem isso for realizavel, os fieis da mesma parochia ou de diversas, nem por isso deixarão, querendo, de contribuir para o culto, pois podem reunir-se por iniciativa particular transitoriamente para tal fim, devendo o ministro do culto organizar a contabilidade da receita e despeza e te-la sempre em dia e ao dispor dos contribuintes e da junta de parochia para que os dinheiros publicos sejam fiscalizados. Ninguem de boa fé póde dizer que a lei de separação não proporcionou toda a liberdade e todos os meios para que os fieis pudessem concorrer para o culto. Ninguem de boa fé póde affirmar portanto que a igreja não encontra na lei de separação garantias ao exercicio do seu culto. Que razões póde a Igreja allegar contra a organização das cultuaes, nas quaes os fieis encontram a garantia dos dinheiros com que concorrem para o culto? Nenhumas. Nem á igreja ficaria bem evitar que os seus fieis saibam qual o destino desses bens.

Não é, portanto, apenas um dever legal, mas até um dever moral, que todo o clero deve amar e diligenciar a organização de cultuaes pela forma que a lei estabelece e não por outra que qualquer invente que não dá garantias nem ao Estado nem aos fieis da Igreja.

Nestes termos bem vê v. exa que é inadmissivel, legal e moralmente, o conselho que dá na sua pastoral ao seu clero, notando ainda que é verdadeiramente irregular a passagem de fls. 6, onde v. exa. affirma que prefere que as congruas dos seus parochos lhes sejam dadas pelo modo que indica, para elles não andarem a pedi-las de porta em porta, pois isso, segundo v. exa. assevera, não se compadece muito com a independencia e dignidade do seu ministerio. E' notavel digo, porque logo em seguida declara que se oppõe a que, embora as não peçam, os parochos acompanhem aquelles que pedem as congruas para.. mais promptamente manifestarem o seu agradecimento a quem o deverem! Terminando, direi a v. exa., como já no meu telegramma disse, que a pastoral não póde correr, sob a pena do artigo 181 da lei de separação, sem que v. exa. attenda ao que fica exposto. V. exa a modificará, querendo, na certeza de que, mesmo depois de modificada, é forçoso que a submetta ao beneplacito, antes de a fazer correr. — Saude e fraternidade. — Lisboa, 9 de dezembro de 1911. — O ministro da justiça, ANTONIO MACIEIRA

Vida operaria

EM S. PAULO

União dos Pedreiros e Serventes — Realizou-se no sabbado á noite, como annunciámos, a reunião de pedreiros e serventes.

Apesar da concorrencia ter sido pequena, ficou nomeada uma commissão encarregada de levar a cabo todos os trabalhos para a installação definitiva da União dos Pedreiros e Serventes que trabalhem por dia.

EM SANTOS

«O Proletario» — Este decidido campeão da causa dos trabalhadores reencetou no dia 1 do corrente a sua publicação.

Vem variado e cheio de boa propaganda.

O seu endereço é o o seguinte: Rua Amador Bueno, 115.

NO RIO

Os trabalhadores da capital da Republica estão neste momento se movimentando para conseguir melhorar a sua situação precaria em face da carestia da vida.

Estão em movimento diversas classes e, entre ellas, a dos marmoristas, que fazem apenas uma pequena reclamação. Reclamam esses trabalhadores que lhes sejam concedidos os vinte minutos que lhes faltam para terem uma hora para o almoço.

Os patrões, na impossibilidade de conseguir no Rio operarios para substituir os grevistas, resolveram mandar procura-los em S. Paulo.

Os marmoristas de S. Paulo saberão cumprir o seu dever de solidariedade para com os seus collegas do Rio.

Aos assignantes da S. Paulo

O nosso companheiro E. Reinoso está procedendo á cobrança das assignaturas da Capital.

Chamando a attenção dos amigos de S. Paulo para as grandes difficuldades que offerece esse trabalho numa grande, cidade pedimos-lhes que procurem poupar-lhe as viagens inuteis, deixando em casa a importancia de suas assignaturas os que não possam ser encontrados com facilidade.

NUCLEOS DA VANGUARDA

Grupo Libertario Guerra Social — Os membros deste grupo são convidados a tomar parte na reunião do mesmo, que se realizará amanhã, domingo, ás 2 1|2 da tarde, no local do costume, para tratar de assumpto de muita importancia.

Secção amena

S. Pedro á alma de um rico explorador:

— Que vens cá fazer? Não sabes que é mais facil a um camêlo passar pelo fundo duma agulha do que a um rico entrar aqui?

— Sim; mas antes de morrer, quando o medico me annunciou a imminencia do meu fim, passei todos os meus bens a minha mulher e a meus filhos. Deste modo não tive que pagar direitos de transmissão e morri pobre como Job, podendo assim entrar no ceu..

— Palavra de honra?

— Tão certo como eu estou aqui!

— Nesse caso, entra Ainda não tinha conhecimento desse facto. *(A'parte)* Elle será capaz de nos enganar?

O famoso prégador francez Lacordaire (1802-1861) pronunciou um dia esta phrase, que os beatos admiram:

«Quando alguem quer ser livre, põe-se de joelhos diante de Deus e caminha a direito na sua frente, mendigando o seu pão...»

Isto de caminhar a direito, de joelhos e a mendigar, alem de ter bem pouco que ver com a liberdade, constitue um exercicio um tanto difficil e fatigante!

Nesse dia, o illustre orador sentia-se um pouco Joseph Prudhomme ou Conselheiro Accacio...

Festa de propaganda

E' hoje, ás 8 e 1|2 da noite, que será realizada, na Salão Germania, a festa de propaganda de que já temos dado noticia.

A parte theatral constará da comedia em quatro actos *La Repubblica*, de Gigi Damiani, e o drama em um acto de Roberto Bracco *Don Pedro Caruzo*.

Nos intervallos haverá kermesse, terminando a velada com um baile familiar.

Estamos fazendo uma larga distribuição da LANTERNA, *enviando-a a todas as pessoas que julgamos estarem de accordo com o seu programma.*

Consideraremos, portanto, como nossos assignantes todos aquelles que não devolverem o primeiro numero recebido.

DIVERSÕES

THEATRO COLOMBO — Durante a semana continuou a trabalhar neste theatro a apreciada Companhia Lyrica Infantil.

— Amanhã haverá ali *matinée*.

THEATRO CASINO — No *Casino* os seus numerosos frequentadores têm tido occasião de applaudir os bons numeros dos seus variados programmas.

— Amanhã haverá *matinée* com escolhido programma.

CINEMA CONGRESSO — Este cinemn da praça João Mendes tem sempre os seus salões cheios. As suas vistas são excellentes.

— Amanhã teremos ali uma boa *matinée* familiar.

ELDORADO CINEMA — O Eldorado vai dia a dia apresentando melhores programmas.

Amanhã dará mais um bom espectaculo em *matinée*.

JOCKEY CLUB — Amanhã, no prado da Moóca, realizar-se-á mais uma corrida, havendo bons premios aos vencedores.

Catecismo atheu

Excellente folheto, contendo 32 paginas de propaganda antireligiosa, escripto em linguagem simples e em forma de dialogo, por Brito Bethencourt

Custa 200 réis cada exemplar.

A "Lanterna" no Rio

E' nosso agente no Rio o companheiro João Gonzalez, que está encarregado de proceder á cobrança das assignaturas e dos pacotes.

Recommendamo-lo aos nossos amigos da capital do paiz para que lhe facilitem a sua tarefa.

A sua direcção é a seguinte: Rua Camerino, 17.

Novo postal

Um companheiro mandou vir e entregou-nos para serem vendidos em beneficio da Escola Moderna, algumas dezenas do bello postal *Montjuich*, reproducção do extraordinario quadro de Firmin Sagristá — *Ultima visão*.

Está á venda em nossa redacção, a 100 réis.

«A LANTERNA»

E' vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO MONTEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

VENTURA SIÉRRA, rua Conselheiro Ramalho, 166.

Na rua S. Caetano, 230.

O "BREVIARIO"

O *Livre Pensador*, nosso distincto camarada de luctas, escreveu, no seu numero de 28 de dezembro p. p., o seguinte, a respeito do *Breviario*:

Temos o prazer de annunciar aos nossos leitores que o livro do nosso amigo, collaborador e ex-companheiro de trabalho Raymundo Reis já se acha em poder dos editores, os srs. Pocai & Weiss, que prometteram entregar a obra concluida até fins de janeiro proximo.

Conforme já nos externámos nestas columnas, esperamos que o *Breviario* agradará a todos que o lerem, já a parte intellectual, já a parte material: Raymundo Reis, se não é poeta consagrado, tem consciencia da arte do verso e o seu livro vai ser confeccionado na typographia dos srs. Pocai & Weiss, o que equivale dizer que será um mimo de arte.

As 125 poesias do *Breviario* occuparão para mais de 140 paginas, estando divididas em sete partes: «Matinas», «Via-sacra», «Religiosas», «In memoriam», «Extrema-unção», «Litanias» e «Santuario do Riso».

Arre! que mette medo esta longa lista de nomes religiosos! Estamos a crer que o autor do *Breviario*, nosso amigo e confrade de ideal, assim baptizou o seu livro na esperança de obter para elle a bençam papal e a sua competente inclusão no rol das obras liturgicas e theologicas..

Como já annunciámos, Raymundo Reis tem aberta uma lista de assignaturas do seu livro, sob condições vantajosas. As pessoas que tomarem assignaturas, no maximo até 15 de janeiro, receberão o *Breviario* livre de porte, pelo preço de 2$000, sendo que o preço de venda será de 3$000 para os não assignantes. Os pedidos devem ser dirigidos á rua Amaral Gurgel, 35, sobrado.

Ficamos gratos pelas palavras gentis que sobre o nosso companheiro escreveu o amavel confrade.

Jesuitismo agudo — cura-se com duchas da Lanterna.

Pequenos écos

Visitas — Tivemos ha dias a grata surpresa de receber a visita do nosso decidido correligionario sr. José Nicolau Pereira, da Marinha Nacional e um amigo enthusiasta da *Lanterna*.

O sr. Nicolau Pereira veiu passar alguns dias em S. Paulo, de onde é filho e estava ausente ha vinte annos.

Desejamos-lhe feliz estadia nesta capital e boa viagem de regresso ao seu insano labutar de homem do mar.

— Deu-nos tambem o prazer de sua visita o nosso correligionario e confrade professor João Marcilio, residente em Campinas e agora a passeio em S. Paulo.

Agradecidos.

Buon anno! — Do companheiro Giovanni Capaci, director do *Pungolo*, que se encontra cumprindo a pena de quatro mezes e tanto de prisão a que foi condemnado pela campanha feita contra uma dessas sociedades-ratoeiras, recebemos um interessante cartão de boas-festas.

Ao caro Capaci enviamos tambem, para a sua residencia provisoria... o nosso — Buon anno!

Casamento — A 30 de dezembro p. passado effectuou-se no districto de Jequitibá, Minas, o consorcio do sr. Deodoro Fonseca com a gentil senhorita Justina Vieira da Fonseca.

Agradecemos a participação.

Boas festas — Continuamos a receber uma quantidade enorme de cartões de boas-festas. Desejam-nos ainda saude e felicidades no anno entrante os seguintes amigos:

Sr. J. Fernandes, de Santa Barbara do Matto Dentro; sr. Affonso Segreto director do Theatro Casino de S. Paulo; sr José Nicolau Pereira, da Marinha Brasileira; T. Goulart & Filho, proprietarios do Araraguary, da cidade do mesmo nome; sr. Hermelindo P. da Silva, de Campinas; sr. Joaquim Antonio da Silva, de Curvello, Minas; sr. Theophilo de Oliveira, de Bello Horizonte; União dos Trabalhadores de Prancha, de Rio Grande, R. G. do Sul; sr. José Rondolpho Lorena, de Cachoeira; sr. Gustavo Mahlow e exma. familia, de S. Simão; sr. Amantino de O. Santos, de Bagé; Aug.'. e Resp.'. Loj.'. Atalaia do Norte, de Diamantina; sr. Domingos Novelli, de Piracaia; sr. Sebastião Maia, de Campinas; sr. Chrysantho Eloy de Medeiros, de Florianopolis; sr. Braz Limongi e exma. familia; srs. Haddad e Chatilla, directores da *Aurora*, periodico syrio anticlerical, de Campos;

A todos dirigimos agradecimentos, retribuindo os augurios de felicidades.

Que Belzebut nos livre a todos da santidade de D. Heredia, S. Faustino, S. Leonardo Larangeira e C....

Bilhetes e recados

Bragança — L. G.: Tomámos nota da tua recommendação. Sempre ha por este mundo cada typo, hein? Saúde!

Guanhães — B. L.: Remettemos o jornal aos endereços indicados na carta que nos chegou ás mãos. Foi tambem enviado um pacote. Saudações.

Dois Corregos — J. de Godoy: Fizemos o que nos recommendou em sua carta.

Santa Barbara do Matto Dentro — J. F.: Fizemos a transferencia do endereço.

Monte Alto — R. R.: Foi feita a transferencia pedida.

Campinas — A. F. de Andrade: Começamos a remetter o jornal p'r'ahi.

Rio — A. J. da F. Moreira: O jornal já está sendo remettido para essa capital.

Rio Claro — B. J. Ferreira: Remettemos o recibo pedido, juntamente com a medalha, cujo preço está annunciado. Saudações.

Santa Maria — M. G. da Silva: Registámos todos os novos assihnantes. Realmente ainda ha muita gente que se assusta com essa classificação. Receba um abraço dos companheiros daqui.

Rio — A. R. Maçãs: Foram remettidos outros pacotes. Agradecemos-te o auxilio que lhe prestares para o bom exito do seu trabalho. Saude!

Cachoeira do Pajehu — C. M. F.: Foram remettidos os livros e pacotes pedidos.

Taubaté — C. Scaliane: Foram enviados os postaes e a medalha.

Rio — J. Bruno: Recebemos o seu postal. Tomámos nota da indicação sobre o endereço. Saudações.

Nictheroy — J. Martins: Remettemos os recibos pedidos. Saúde!

Campos — Mucio da Paixão: Já lhe respondemos por um postal, acceitando o seu gentil offerecimento. Saudações.

Mogy Guassú — João de Deus: Recebi a sua carta e os 10$ da assignatura. Remettemos o recibo. Muito lhe agradecemos a boa conta em que nos tem. Saudações de todos.

Bagé — A. de O. Santos: Recebemos o recorte. Agradecido.

Sermancelhe (Portugal) — José Corrêa Tavares: Já o incluimos no livro dos nossos assignantes. A importancia devida poderá ser entregue á *Sementeira*, de Lisboa, ou á Livraria Ideal, do Porto.

Leiam! propaguem! o

Evangelho da Hora

que se destaca fortemente, pela sua originalidade, pela sua belleza literaria, pela simplicidade do seu estylo, pela força dos seus argumentos, pela limpidez e poder convincente das suas imagens.

E', não uma parodia, que poderia caír no ridiculo, mas uma sentida, uma empolgante, uma commovedora paraphrase do Evangelho, em que os versiculos são phrases lapidares e profundas, em que as parabolas fulguram com intenso e crystallino brilho.

Preço:
Um cento. . . . . 6$000
Avulso. . . . . . 200 réis

Os pedidos de folhetos acampanhados da relativa importancia devem ser enviados a Pedro Frigerio, rua Rubino de Oliveira n. 28, S. Paulo.

Grupos "Aurora" e "Libertas", editores.

Medalhas de Ferrer

Recebemos da Europa e temos a venda uma boa quantidade de uma interessante medalha para corrente, tendo de um lado o retrato em alto relevo do grande martyr da educação racionalista e no reverso uma bella legenda.

São vendidas ao preço de 1$000 pagando mais 200 registrada pelo correio.

Jornaes de propaganda

O companheiro José Sanches, residente a rua Monsenhor Anacleto, 37, no Braz, com o intuito de desenvolver aqui a propaganda em hespanhol, recebe e tem á venda os seguintes jornaes: *Regeneración*, orgam dos revolucionarios mexicanos, de Los Angeles, Estados Unidos; *Tierra!*, de Cuba e *Tierra y Libertad*, de Barcelona.

Ribeirão Preto

Na Livraria Selles á rua Amador Bueno, 41 e 43, vende-se *A Lanterna* a 200 réis o numero avulso.

A' venda nesta redacção

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Espanha e a obra de Ferrer.
Publicação editada pela Commissão contra a reacção hespanhola no Rio de Janeiro.

FRANCISCO FERRER

Espledida revista racionalista illustrada, de Buenos Aires.

Vende-se, a 300 réis o exemplar, em nossa redacção e na agencia de jornaes da rua 15 de Novembro, 37.

BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUEZ

M. Gorki, *Os amassadores* . . . $200
A de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho* $200
H. Malatesta, *Programma socialista anarquista-revolucionario* . . . $100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anárquico* $100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente* . . . . . . 1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) . . . 1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* . . 2$000
Jesus Christo nunca existiu, Bossi, $800
Religião e Evolução, E. Haeckel . 1$500
Sociologia Fundamental, Benteo . 5$000
Dôr Universal, Faure . . . . 1$500
Brito Bethencourt, *Catecismo Atheu* $200

EM HESPANHOL

J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población* $100
M. Devaldés, *Malthusianismo y Neo-Malthusianismo* $100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia* $100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales* $100
André Girard, *Educación y Autoridad Prternal* $100

EM ITALIANO

Dottor Nicoló Converti, *Che cosa é il Socialismo* $100
Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti* . . . . 1$500
Almacco Libertario illustrado 1909 $300

EM FRANCEZ

Les Prisons, Pierre Kropotkine, . $300
L'Esprit de Révolte " . . $200
René Chaughi, *La Femme Esclave* $100
Jean Grave, *Léntente pour l'action* $200
E'lisée Reclus, *Amon Frére le Paysan* $200
Jean Grave, *Si j'avais á parler aux Electeurs* $100
Charles Albert, *Patrie, Guerre, Caserne* $200
Elisée Reclus, *E'volution e Révolution* $200
A. Girard, *L'Enfer Militaire* . . $300
Urbain Gohier, *Aux Femmes* . . $100
E. Malatesta, *Entre Paysans* . . $300
M. Nettlau, *La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvriére* $200

* * *

Só podemos attender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importancia.

LA BATAILLE SYNDICALISTE

Diario redigido por militantes da
Confederação Geral do Trabalho
10, BOULEVARD MAGENTA, PARIS — X

Ano . . . . 31 francos
6 mezes. 18.50
3 mezes. 9,25

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxate).

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

RUA DO OUVIDOR, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Na rua do Senado, 63.

Avenida Passos, 120 (engraxate).

Rua Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsi.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Leonardo Bettino.

Rua da Saude, 221, com o sr. João Perrotta.

Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Caruso.

Largo de Santo Cristo, com o sr. Antonio Fittipaldi.

Estação Central, com o sr. Raphael Mauro.

Largo da Lapa, 112 com o sr. Januario Cascardi.

Rua 1.º de Março — Agencia do sr. Mandarino.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario (exgraxate).

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, (egraxate).

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Avenida Central, no edificio do Lloyd (engraxate).

Rua Souza Franco, 68, com o sr. Sperduto — V. Izabel.

Largo dos Leões, com o sr. Natan Carelli.

Rua Uruguayana, 202, com M. J. Pereira.

Bibliotheca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registo do Correio:

Primeira série, já publicada:

La Lujuria del Clero, segun los concilios.
El Diablo, por Roberto Robert.
Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.
El Romance Anticlerical, por varios autores (primero tomo).
El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordéix.
Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.
Monita Secreta de los Jesuitas.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Iglesia, por Potvin.

2.ª Série em publicação:

Dios, por Suñer y Capdevila.
Los Milagros, por Roberto Robert.
Lo que comen los curas, por Frey Gerendio.
Viaje al Infierno, por José Nakens.
La libertad de ensiñanza, por Edmundo Gonzalez.
La Papiza Juana, por Julio F. Mateo.
Sonetos Piadosos, por varios.
Retratos de José Nakens, 1$500 réis.

"El Motin"

Este excellente periodico anticlerical de combate, dirigido pelo velho e valente combatente José Nakens e que se publica semanalmente em Madrid, com 16 paginas e magnificamente illustrado. está á venda á rua do Gazometro, 115, a 200 réis o exemplar.

Numeros atrasados

Dispomos de alguns pacotes de numeros atrasados da *Lanterna* para serem distribuidos gratuitamente.

Libres Penseurs qui lisez le français, abonnez-vous à

LA LIBRE PENSÉE

Revue internationale hebdomaire paraissant dès le 1er juillet 1911 à Lausanne (Suisse) et Evian (France)

De nombreux ècrivains de France, de Suisse et autres pays ont dèjà promis leur collaboration, parmi lesquels:

MM. Auguste Dide, Dr. A. Forel, N. Simon, Gustave Hubbard, Sèbastien Faure, Dr. O. Karmin, Herriot, maire de Lyon, A. Thalamas, etc.

M.mes Marie Bonnelvial, Ida Altmann, Alexandra David, Nely Roussel, Odette Laguerre, etc.

Abonnement: Un an, fr. 7.25 six mois fr. 3.75

Adresser toute demande:

LA LIBRE PENSÉE
LAUSANNE (Suisse)

NOVO FOLHETO

A confissão

Acaba de sair do prelo, sob o titulo acima e contendo 16 paginas, o primeiro folheto da série que pretendemos editar.

E' um bom folheto para a propaganda no seio do povo.

Os amigos do interior devem adquiri-lo para fazerem delle uma larga distribuição entre os crentes. Pessoalmente ou em grupos poderão distribui-los por occasião de processões e á porta das igrejas.

Custa 4$000 o cento e 100 avulso. Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia.

«A Lanterna» em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem desejar assignar a *Lanterna*, dirija-se a Pythagoras, Ladeira, 60, ou a Polydoro Santos, na Escola Elyseu Reclus.

Na União dos Pedreiros, rua Santo Antonio, 157.

Encontra-se á venda na Mensageira Central, á rua Bragança.

FOLHETIM DA LANTERNA

(32) JOSÉ RIZAL

Noli me tangere

(O Paiz dos frades)

Romance tagalo de 1886

(Especialmente traduzido para *A Lanterna*)

XXIV

O DIREITO E A FORÇA

se pudesse ver que se lhe marejavam de lagrimas os olhos. Assim passou quasi uma hora. A perseguição constante de que fizera alvo Maria Clara e aquellas lagrimas de despeito mostravam que o sombrio frade sentia uma paixão occulta pela joven.

Deste estado o tirou o tumulto da praça. Seguiu com olhares surpresos o confuso vaivêm da turba cujas vozes e gritos chegavam vagamente até elle. Habituado á obediencia dos indios julgava que fôra suspensa a representação sem o menor protesto. Entrou um criado quasi sem alento e inteirou o do que se passava.

Um pensamento lhe atravessou a imaginação. Pareceu-lhe ver Chrysostomo levar nos braços Maria Clara desmaiada. Teve ciumes. Sentiu apossar-se-lhe da alma a ira, uma colera espantosa que lhe nublou a vista e lhe fez perder a noção da realidade. Esqueceu tudo. Não pensou sequer no perigo a que se expunha apresentando-se entre a multidão irritada. Desceu de um pulo as escadas, sem chapeu, sem bastão, e dirigiu se como um louco para a praça.

Ali encontrou os hespanhoes que tratavam de aquietar os animos, olhou para os assentos antes occupados por Maria Clara e suas amigas e viu-os vazios.

— Snr. parocho! sr. parocho! — gritavam-lhe os hespanhoes; mas elle, sem attender aos chamamentos, correu em direcção á casa do Capitão Tiago.

Ali respirou: viu, através do transparente corrido, uma silhueta, a adoravel silhueta de Maria Clara e a da tia, que levava chicaras e copos.

Estavam sós! Sentiu o coração alliviado de um terrivel peso não vendo o odiado Ibarra.

A tia Isabel não tardou a fechar as portas da janella, eclipsando-se a encantadora imagem da joven.

O cura afastou-se daquelle lugar sem ver a multidão. Tinha diante dos olhos um formoso busto de donzella dormindo e respirando docemente; as suas palpebras eram sombreadas por longos cilios; a pequena bocca sorria, e todo o bello semblante respirava bondade e innocencia. . . . .

. . . .

O correspondente do periodico de Manila referia os successos acima descriptos com a sua costumada imparcialidade.

"Não tivemos que lamentar derramamento de sangue, graças á opportuna intervenção do reverendissimo padre Salvi, que, desafiando todos os perigos, entre aquelle povo enfurecido, no meio da turba desenfreada, sem chapeu, sem bastão, apazigou as iras da multidão, usando apenas da sua palavra persuasiva, da majestade e autoridade que nunca faltam ao sacerdote duma Religião de Paz. Os habitantes de San Diego não esquecerão, sem duvida, este sublime acto do seu heroico Pastor, e saberão ficar-lhe agradecidos para toda a eternidade!"

XXV

A GALLEIRA

Para santificar a tarde de domingo, vai-se geralmente á galleira nas Filippinas, como aos touros na Hespanha. A briga de gallos, paixão introduzida no paiz e explorada ha um seculo, é um dos vicios do povo, peor que o opio entre os chins; ali vai o pobre arriscar o que tem, desejoso de ganhar dinheiro sem trabalhar; ali vai o rico para se distrahir empregando o dinheiro que lhe sobra dos seus festins e missas de graças. O gallo é o favorito do indio, que come e dorme com elle, rodeando o de mais cuidados e attenções do que ao proprio filho.

Visto que o Governo o permitte e até quasi o recommenda, ordenando que o espectaculo só se dê nas *praças publicas, em dias de festa* (para que todos o possam ver e o exemplo fructifique) *depois da missa cantada até ao escurecer*, vamos assistir a este jogo onde certamente encontraremos alguns conhecidos.

A galleira de San Diego não se differença das de outras localidades senão em alguns pormenores. Compõe-se de três compartimentos: o primeiro, isto é, a entrada, é um grande rectangulo de uns vinte metros de comprimento por quatorze de largura; num dos lados abre-se uma porta, geralmente guardada por uma mulher, encarregada de cobrar o *sa pintu*, isto é, o preço da entrada. Desta contribuição que ali deixa cada um, recebe o Governo uma parte, alguns milhares de pesos por anno. Dizem que com este dinheiro, que o vicio paga para ser livre, se levantam escolas, se construem pontes e calçadas, se instituem premios para fomentar a agricultura e o commercio... Bemdito seja o vicio que tão bons resultados produz! Neste primeiro recinto estão as vendedoras de buyo, cigarros, guloseimas e comidas. E ali formigam os rapazes em companhia dos pais ou parentes que os iniciam nos segredos da vida.

Este recinto communica com outro de proporções um pouco maiores, uma especie de *foyer* onde o publico se reune antes das *soltadas*. Ali estão a maior parte dos gallos presos ao chão por uma corda mediante um prego de osso ou de palmeira brava; ali estão os pontos, os amadores e o perito atador da navalha; ali se contracta, se medita, se pede emprestado, se pragueja e se ri ás gargalhadas... Aquelle acaricia o seu gallo passando-lhe a mão pela brilhante plumagem; este examina e conta as escamas das patas; uns referem as façanhas dos combatentes; outros, arreliados, seguram pelas patas um cadaver depennado... O animal que foi o favorito durante mezes, amimado, cuidado dia e noite, não passa agora de um cadaver e vai ser vendido por uma peseta, para ser preparado com gengibre e comido aquella mesma noite.

O que perde volta para casa, onde o esperam a inquieta mulher e os filhos, sem o seu dinheiro e sem gallo.

Neste *foyer* discutem os "intelligentes", remirando os animaes destinados á briga, estendendo-lhe as asas, apalpando-lhes os musculos. Uns vão muito bem vestidos, seguidos e rodeados pelos partidarios dos seus gallos; outros, sujos, com o sello do vicio marcado no esqualido semblante, seguem ansiosos os movimentos dos ricos e attendem ás apostas, porque a bolsa pode esvaziar-se, mas não saciar-se a paixão. Ali não ha rosto que não esteja animado; ali desapparece o filippino indolente, apathico e calado, transformando-se em homem vociferador, inquieto e vehemente.

Deste lugar passa-se á arena, chamada *Roda*. O pavimento, cercado de bambús, é mais elevado que o dos dois compartimentos anteriores. Aos lados ha archibancadas para os jogadores. Durante o combate enchem-se os bancos de homens e rapazes que gritam, suam, disputam e praguejam. Na *Roda* estão os graudos, os ricos, os pontos famosos, o contractista e o sentenciador. Sobre o solo, recalcado com esmero, lutam os animaes, e é d'ali que o destino distribue pelas familias alegrias ou tristezas.

A' hora em que entramos, vemos já o "gobernadorcillo", o capitão Paulo, o capitão Basilio e um tal Lucas, irmão de homem amarelo morto pelo cabrestante.

O capitão Basilio acerca-se de um homem do povo e pergunta-lhe:

— Sabes que gallo traz o Capitão Tiago?

— Não senhor, não sei; esta manhã chegaram-lhe dois; um delles é o *lasak* que venceu o *talisain*.

— Achas que o meu *bulik* poderá lutar com elle?

— Decerto! Aposto a casa e a camisa!

Naquelle instante chegava o capitão Tiago. Vestia, como os grandes jogadores, camisa de riscado de Cantão, calças de lã e chapeu de jipijapa. Atrás vinham dois criados trazendo o *lasak* e um gallo branco de colossaes dimensões.

— Sinang disse-me que Maria está doente — disse o Capitão Basilio.

— Sim, por causa dos desgostos destes dias; mas já está melhor.

— Perdeu hontem á noite?

— Um pouco; já sei que ganhou; vou ver se me desforro.

— Quer jogar o *lasak*? — perguntou o capitão Basilio olhando o gallo e pedindo-o ao criado.

— Conforme, se houver aposta.

— Quanto é que aposta?

— Por menos de dois não o jogo.

— Já viu o meu *bulik*? — perguntou o capitão Basilio, chamando um homem que guardava um pequeno gallo.

O capitão Tiago examinou-o, e depois de o pesar e do analysar as escamas, devolveu-o ao criado.

— Quanto põe o senhor?

— O mesmo que o senhor.

— Dois e quinhentos?

— Três?

— Três!

— Para a seguinte!

O circulo de curiosos e jogadores espalha a noticia de que vão jogar dois celebres gallos; ambos têm a sua historia e a sua fama conquistada. Todos querem ver as duas celebridades, emittem opiniões e fazem prophecias.

Entretanto, sobem as vozes, augmenta a confusão e o publico invade a *Roda* e assalta os bancos. Os *soltadores* levam para a arena dois gallos, um branco e outro vermelho, já armados, mas com as navalhas ainda embainhadas.

Ouvem-se gritos: no branco! no branco!, aos quaes responde uma ou outra voz: no vermelho! O branco era o *chamado* e o vermelho o *deixado*.

Entre a multidão circulam alguns guardas civis; não vestem o uniforme do benemerito corpo, mas não andam tampouco á paisana. Trajam calças de guingão com lista vermelha, camisa, manchada de azul da blusa que se destingiu e gorro de quartel. Apostam ao mesmo tempo que vigiam, questionam e entram com o pretexto de manter a ordem.

Em quanto se grita, se estendem

(Continúa).